

LÍNGUA, LÉXICO E CULTURA A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ALIB

Leandro Almeida dos Santos¹

Isamar Neiva²

RESUMO: Neste artigo, são apresentados alguns aspectos relacionados ao léxico e cultura, por meio das falas dos informantes do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB. A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos teóricos acerca do tema em questão; b) formação do *corpus*; e c) análise do *corpus*, objetivando identificar como as falas dos informantes do referido Projeto são reveladoras de transformações sociais e culturais. Para tal intento, foram utilizados os dados do ALiB, em especial, o campo semântico dos jogos e diversões infantis, os quais foram alvos de análises da dissertação de Santos (2016). Os resultados convergem para a afirmação vínculos indissociáveis entre língua e sociedade, e entre léxico e cultura, uma vez que as mudanças socio-históricas ocorridas nas localidades interferem na fala dos informantes.

Palavras-chave: Projeto ALiB; Léxico; Cultura.

LEXICON AND CULTURE FROM THE ALIB PROJECT DATA

ABSTRACT: In this article, some aspects related to lexicon and culture are presented, through the statements of the informants of the Atlas Linguistic Project of Brazil - ALiB Project. The methodology used was based on: a) reading of theoretical texts about the subject in question; b) formation of the corpus; and c) analysis of the corpus, with the objective of identifying how the statements of the informants of the Project are revealing of social and cultural transformations. For this purpose, ALiB data were used, especially the semantic field of children's games and entertainments, which were the targets of Santos' dissertation analysis (2016). The results converge in the affirmation of inseparable links between language and society, and between lexicon and culture, since the socio-historical changes that have occurred in localities interfere with the speech of informants.

Keywords: ALiB Project; Lexicon; Culture.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Língua e Cultura, pelo referido Programa. Atua, como professor substituto, na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), campus IV, em Jacobina. E-mail: leoufbalettras@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9676-3018>

² Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (2017). Integra o Grupo de Pesquisa Nêmesis e o Projeto Atlas Linguístico do Brasil. E-mail: isa.neiva.lettras@gmail.com

Introdução

É irrefutável que as crenças, os valores, as ideologias, os pensamentos, bem como as emoções de um indivíduo, são percebidos no discurso, haja vista que:

A fala de uma pessoa pode indicar sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de instrução, nação ou região de origem [...] (PRETI, 2003, p. 49).

Desse modo, o léxico de uma comunidade sofre interferências direta e indiretamente de instâncias múltiplas e variadas das quais podem ser citadas a família, a igreja, a escola, bem como as mídias, que são responsáveis por moldar, de certa forma, o repertório linguístico do indivíduo, muitas vezes, determinando algumas escolhas linguísticas em detrimento de outras.

Sabe-se que essas instâncias exercem um papel ímpar na formação ideológica de um indivíduo. Assim, muitas construções sociais são feitas e solidificadas, em determinadas culturas, por fomento das crenças e atitudes das pessoas, que, às vezes, são passadas de geração a geração. Dentre as tais, percebem-se, com destaque, o mito das cores, os tipos de brinquedos e brincadeiras, os tabus linguísticos, o comportamento social, os gestos e emoções etc.

Santos (2016), ora também autor, em sua dissertação de mestrado, analisou a vitalidade da extensão do falar fluminense, proposto por Nascentes em 1953, utilizando o campo semântico dos jogos e diversões infantis, do Questionário Semântico-Lexical, QSL. Para tanto, o estudo foi vinculado aos princípios da Dialetoologia Pluridimensional e da Sociolinguística, sobre os quais se abordará melhor, *a posteriori*.

Este artigo, construído com base tanto nos dados linguísticos da referida dissertação quanto nos pressupostos então utilizados, apresenta, pois, uma análise sobre as elocuições dos informantes do Projeto Altas Linguístico do Brasil, no tocante às diversões infantis.

Além desta introdução, o artigo está subdividido em três partes, a saber: a) Referencial teórico, onde serão explicitadas as bases fundamentais para a interpretação das falas, b) Metodologia, em que se apresentam os procedimentos metodológicos bem como se detalham aspectos dos pressupostos utilizados na construção deste artigo, c) Resultados e discussões, local em que serão analisadas as falas dos informantes do Projeto ALiB, d) Considerações finais, onde serão evidenciadas algumas reflexões sobre os dados apresentados.

Referencial Teórico

Em determinadas culturas e famílias, mesmo em tempos nomeados como pós-modernos (HALL, 2000), apenas os meninos podem utilizar as cores azul e verde, brincar de carro, jogar futebol, falar palavrões, sentar-se de qualquer maneira, mas, não podem chorar, porque “homem não chora”.

Em contrapartida, é reservada às mulheres a proibição, com raras exceções. Desse modo, elas só podem gostar das cores rosa, vermelho ou lilás, brincar com objetos que pertencem ao universo de uma dona do lar, tipo: cuidar da casa, dos filhos, fazer comida, passar roupa, entre outras brincadeiras, tidas como mais delicadas. Certamente, para elas, o repertório linguístico é perpassado por essas influências, não sendo permitidos palavrões, necessitando sentar-se de forma *comportada*, e, por serem moldadas à sensibilidade, podem se emocionar e chorar.

Torna-se, desse modo, preponderante destacar que:

Certos universos de objetos e de seres são desse modo privilegiados como o universo doméstico (em particular para os brinquedos destinados às meninas), do universo do automóvel, do transporte (para os meninos) [...] Assim, à infância, são associadas, por tradição cultural, representações privilegiadas do masculino e do feminino (BROUGÈRE, 2010, p.44).

No que tange à escola, responsável direta pela forma com a qual o indivíduo vai enxergar a língua que fala, muitos equívocos são encontrados. Às vezes, nesse ambiente, onde o estímulo por um pensamento crítico-reflexivo-ativo deveria ser instigado, residem as maiores contradições que, por vezes, estão diretamente ligadas com a forma cartesiana de enxergar à língua, a cultura, a sociedade, bem como os demais aspectos que a circundam, como, inclusive, o próprio léxico. Tem-se, assim, um modelo de escola arcaico e que não acompanha as transformações da atualidade.

Compreende-se que, se o ambiente não se torna atrativo, ele se torna refém de outros competidores, na disputa por atenção dos alunos, tais como: as redes sociais, acessadas por aparelhos eletrônicos, cada vez mais, modernos e atrativos; e pelos programas midiáticos.

Por sua vez, as mídias, sobretudo a televisão, sempre exerceram um poder influenciador enormes sobre as pessoas. “Na verdade, a televisão influencia as brincadeiras na medida em que as crianças podem se apoderar dos temas propostos no quadro de estruturas

das brincadeiras usuais” (BROUGÈRE, 2010, p. 57). Em alguns locais, a televisão é o único meio de entretenimento, logo, muitas pessoas passam uma parcela de horas em frente ao aparelho televisor, adquirido, assim, muito do que é vinculado por ele.

Neste particular, se destacam as novelas, que, com certeza, tornaram-se uma das paixões nacionais, haja vista, em alguns momentos, a popularidade ser tão grande que modifica os hábitos culturais das localidades. Ainda, nesse sentido, “a televisão tornou-se uma fornecedora essencial, senão exclusiva, dos suportes de brincadeira” (BROUGÈRE, 2010, p. 57-58).

A partir dessas constatações, a língua, como produto cultural, vai sofrer diversas influências que, por ora, são das mais conservadoras às mais inovadoras, refletindo isso no léxico e estabelecendo um jogo dialético interessante, porque as palavras são puras, mas não são neutras, não são isentas de ideologias. Faz-se necessário a compreensão de que:

Podemos reconhecer a carga cultural compartilhada de uma palavra a partir das seguintes características: ela é um conteúdo que tem por forma o significante do signo; é obrigatoriamente partilhada (pelo conjunto do grupo social); é produto da relação entre o signo e os seus utilizadores; procede da subjetividade dos locutores coletivos, os quais interpretam um elemento a partir da sua visão de mundo; pertence ao domínio da pragmática, pois está vinculada ao uso que se faz dela; fornece um complemento, um conteúdo, um significado ao signo com o qual mantém uma relação estrutural de solidariedade; resulta de uma associação automática entre o signo e sua C.C.P., bastando uma simples evocação desse signo (BARBOSA, 2008/2009, p. 35-36).

Contemporaneamente, vivendo-se em uma era de múltiplas identidades, porque as identidades não são fixas, mas sim são complexas, móveis, diferenciadas, múltiplas e, a todo o momento, reposicionadas (HALL, 2000), evidencia-se a necessidade de reformulação dos papéis sociais e de algumas reconfigurações dos modelos preexistentes de família, igreja, escola e das mídias, uma vez que muitos padrões de outrora não mais se sustentam no pensamento moderno.

Tem-se, pois, no discurso, uma maneira de construção de uma identidade social dos indivíduos. Visando esclarecer essa afirmação, avaliam-se as construções dos papéis sociais por meio dos aspectos atinentes à língua. Desse modo, há um grande apelo midiático por padrões de beleza e juventude, vinculando ideias de que para ser aceito pela sociedade a pessoa precisa se enquadrar em padrões estéticos estabelecidos por ditaduras da beleza, da

juventude e da magreza, ao passo que, quem não atende a esses moldes, fica a margem do que é considerado como belo.

Com isso, na linguagem dos idosos é percebida certa valorização dos aspectos de outrora, é como se eles voltassem ao passado, por meio do discurso, tentando proteger sua cultura, suas histórias e sua identidade. (PAIM, 2007). Essas visões coadunam com as ideias de Santos (2013), pois

Os jovens possuem um repertório lexical diferente dos idosos, e as escolhas das palavras vão demonstrar a ação do tempo na vida destes informantes, bem como o contexto histórico que estes falantes estão inseridos (SANTOS, 2013, p. 55).

Ainda concordando com Paim (2007) e Santos (2013), vê-se que tal afirmação é constatada, a partir do momento em que se entende que o indivíduo é um ser historicamente situado, uma vez que, ao utilizar determinadas palavras e/ou eleger determinados itens lexicais, o discurso vai erguer-se como um agente denunciador dos papéis sociais desenvolvidos pelo indivíduo em determinado contexto e/ou grupo social.

Notam-se os papéis linguísticos desempenhados por homens e mulheres diferem, ora por uma tendência de aproximação do padrão culto, por parte das mulheres, ora pelos *tabus* estabelecidos pela cultura e pela ideologia, determinando e condicionando certos usos aos homens e as mulheres, pois:

Todos os pesquisadores chegaram a conclusão de que, mesmo levando em conta outras variáveis tais como a idade, a educação e a classe social, as mulheres produzem de forma mais consistente formas lingüísticas mais próximas da linguagem padrão (norma padrão) ou mais prestigiosa que as dos homens, ou então que elas produzem com mais frequência formas desse tipo (TRUDGILL, 1991, p. 78).

No entanto, ainda, são necessários estudos mais sistemáticos e aprofundados, pois se considera, até então, uma árdua tarefa estabelecer uma segmentação entre os modos de falar dos homens e das mulheres. Ergue-se, como hipótese, a questão dos papéis sociais desempenhados por eles, ao longo dos anos: ao homem era reservada a tarefa de sair para o trabalho, ao passo que as mulheres cuidavam da casa e dos filhos; logo, a linguagem tornou-se uma das ferramentas para ascensão social, uma vez que, predominantemente, encontra-se, na fala das mulheres, uma proximidade com as formas mais prestigiadas. Assim, *nota-se que*,

“as identidades são inscritas em relações, principalmente, discursivas de poder específicas nas quais são construídas” (SANTOS; PAIM, 2011, p.10).

Hoje, há inúmeros estudos que afirmam as diferenças na forma de falar entre as pessoas escolarizadas e as que não tiveram acesso aos espaços escolares. No entanto, *a priori*, crê-se em um *continuum* no qual essas marcas são evidentes em alguns fenômenos do nível morfosintático, mas não tão expressivas, no que tange aos aspectos lexicais, pois acredita-se que, como afirma Moreno Fernández:

La sociolingüística, como otras disciplinas preocupadas por la lengua hablada, ha comprobado que el nivel educativo de los hablantes determina de forma directa y clara la variación lingüística: es normal que las personas más instruidas hagan mayor uso de las variantes que son consideradas como más prestigiosas o que más se ajustana la norma (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.55)³.

Certamente, também, por influência da escola, na fala dos indivíduos mais escolarizados, encontram-se as formas mais próximas da forma de prestígio linguístico, mesmo se tratando de escolhas lexicais como, por exemplo: coexistindo as formas “estilingue, badogue e atiradeira”, para nomear um brinquedo feito por uma forquilha e duas tiras de madeira, os indivíduos mais escolarizados tendem a escolher a forma mais próxima das encontradas nos dicionários e livros, estilingue.

A partir disso, após esclarecimentos nos âmbitos do léxico, da cultura, da identidade social, chega-se à trilha das diversões infantis e suas ressonâncias na escola e na sociedade – antigas e contemporâneas. Neste estudo, entende-se que a “brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças” (BORBA, 2006, p. 41).

Em muitas culturas, tem-se acreditado que os jogos e brincadeiras são atividades de entretenimento e devem se restringir ao horário reservado para o recreio ou para os momentos vagos, apenas. Desse modo, atribui-se a esses um local marginal nos currículos e, conseqüentemente, nos planejamentos escolares.

Diante do cenário antigo e retrógrado, hoje, percebe-se a ocupação de outro *status*, por parte das atividades lúdicas, nos espaços escolares. Tal fato é atribuído às várias pesquisas desenvolvidas nas universidades, as quais dão ênfase à importância da ludicidade para a

³ A sociolinguística, como outras disciplinas preocupadas com a língua falada, têm comprovado que o nível de escolaridade dos informantes, determina de forma direta e clara a variação linguística: é normal que as pessoas mais instruídas façam uso das variantes consideradas de prestígio e que mais se aproxima da norma. (Tradução livre nossa)

formação do educando e buscam mostrar a importância dos jogos e brincadeiras para ajudar a compreensão dos alunos. Assim, evidencia-se a importância da ligação entre a ludicidade e a escola, uma vez que:

Situações emocionantes, como jogos e brincadeiras, ativam o sistema límbico, parte do cérebro responsável pelas emoções. Ocorre então a liberação de neurotransmissores. Com isso, os circuitos cerebrais ficam mais rápidos, facilitando a armazenagem de informações e o resgate das que estão guardadas (GENTILE, 2005, p. 54).

Ou seja, na contemporaneidade, há a necessidade, cada vez mais urgente, da adequação escolar, objetivando cativar seu público, através dos mecanismos da ludicidade, tornando o binômio ensino-aprendizagem em algo motivador e instigante.

Assim, cabe ao educador “construir um ambiente que estimule a brincadeira em função dos resultados desejados” (BROUGÈRE, 2010, p. 111). Adotando-se essa postura, a escola se revestirá de um novo formato, adequado às necessidades do mundo moderno, pois “[...] acredito no jogo como uma atividade dinâmica, que se transforma de um contexto para outro, de um grupo para outro: daí a sua riqueza. Essa qualidade de transformação dos contextos das brincadeiras não pode ser ignorada” (FRIEDMANN, 1996, p. 20).

Ademais, com as inovações tecnológicas, cada vez mais os jogos e brincadeiras de outrora vão deixando de ser praticados, levando a extinção de uma tradição cultural. Então, com o papel social elementar, cabe à escola salvaguardar os elementos culturais, seja na sua originalidade, seja adaptando-os aos dias atuais.

Nota-se que a forma de brincar sofreu alteração, com o passar dos anos. Antigamente, tanto nos espaços mais rurais quanto nos mais urbanos, viam-se crianças brincando nas ruas, hoje, devido ao aumento desordenado da violência urbana aliado aos novos aparatos computacionais, é cada vez mais raro presenciar cenas de diversões infantis nos espaços como a rua e a praça. Tal fato torna-se um agravante cultural, porque, à medida que os espaços de interação infantil são esvaziados, aumenta o número de crianças solitárias e individualistas, além de outros problemas como, por exemplo, obesidade infantil ou depressão.

Mediante a atual conjuntura social, requer-se um pensamento conjunto, a fim de poder garantir a ludicidade, ingrediente importante para a formação de um indivíduo, haja vista que a sociedade está diante de dois modelos de brincar: o de antigamente e o de hoje,

embora o último seja mais sofisticado, no sentido de informatização tecnológica. Para os adultos, tecer considerações sobre os modelos citados é preocupar-se com o futuro.

Metodologia

Considerando-se os avanços dos aspectos metodológicos da Dialectologia, o *Projeto ALiB* utiliza-se dos princípios da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, ou seja, além do registro diatópico, incluem-se os registros do nível social. Visando atingir os objetivos gerais e específicos, abarcam-se, na rede de pontos, 250 localidades brasileiras, considerando a densidade demográfica de cada estado/região; a sugestão de localidades para composição de um atlas linguístico para o Brasil prevista em Nascentes (1958); os limites interestaduais e internacionais; bem como as características históricas e culturais. Assim, compõe a rede de pontos 25 capitais, com exceção de Palmas e Brasília, por serem cidades relativamente jovens, e 225 cidades interioranas.

Os informantes estão sistematicamente distribuídos em duas faixas etárias – faixa I, dotada de informantes considerados mais jovens (18 a 30 anos); e a faixa II que possui informantes mais idosos (50 a 65 anos) – em dois sexos (masculino e feminino) e com nível de escolaridade – fundamental incompleto (localidades do interior e capital) e superior (capitais). No total, são 1100 brasileiros nativos que forneceram suas elocuições para obtenção dos dados, estes informantes são 8 pessoas por capital e 4 por localidade do interior.

O questionário ALiB (2001) utilizado nos inquéritos se subdivide em sete partes distintas, que são responsáveis por retratar várias perspectivas de estudos, tais como o fonético, o semântico-lexical, o morfossintático, o pragmático e os discursivos. Sendo assim, o questionário ALiB (2001) possui a seguinte segmentação:

Quadro 1. Subdivisão do Questionário ALiB (2001).

Partes do ALiB (2001)	Quantidade
QFF – Questionário Fonético-Fonológico	159 com mais 11 de prosódia
QSL – Questionário Semântico-Lexical	202
QMS – Questionário Morfossintático	49
QP – Questão de Pragmática	04
TDS – Temas para Discurso Semidirigido	04
PM – Perguntas Metalinguísticas	06
LE – Texto para Leitura	Parábola dos Sete Vimes / Texto adaptado.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores (2020).

Assim, em face do que foi exposto – a rede de pontos; os informantes e o questionário – são os elementos que compõem o tripé básico para a pesquisa de cunho dialetal, conforme preconizou Cardoso (2010, p. 89).

A dissertação de Santos (2016) sobre o “falar fluminense” considerou 35 cidades e 152 informantes. A área denominada como Falar Fluminense por Nascentes (1953) abrange, em maior parte, a região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro; cinco localidades pertencentes ao Espírito Santo; e, por fim, sete localidades pertencentes a Minas Gerais. Foram estudadas as 13 perguntas da seção Jogos e Diversões Infantis, a saber:

- ❖ 155 – Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (*Mímica*).
- ❖ 156 – Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
- ❖ 157 – Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho? (*Mostrar gravura*).
- ❖ 158 – Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
- ❖ 159 – E um brinquedo parecido com o ____ (*cf. item 158*) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
- ❖ 160 – Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
- ❖ 161 – Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
- ❖ 162 – Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
- ❖ 163 – Como se chama esse ponto combinado?
- ❖ 164 – Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
- ❖ 165 – Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*).
- ❖ 166 – Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (*Mímica*) (*Mostrar gravura*).
- ❖ 167 – Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

A respeito da atualidade da proposta de Nascentes, o autor constata que:

É oportuno afirmar a precisão de Nascentes (1953), ao dividir as terras brasileiras em dois grandes grupos, fato que se comprova ao cotejar os dados das pesquisas alibianas (Ribeiro, 2012; Portilho, 2013; Romano, 2015), bem

como os dados desta dissertação, sob o ponto de vista lexical. Logo, ratifica-se que, por meio deste nível de análise, é possível identificar e caracterizar áreas linguísticas. No entanto, pelo que se observa, no que tange às subdivisões dos falares do Sul, em especial à área do *Falar Fluminense*, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato, não podendo, de fato, atestar uma unidade dialetal. (SANTOS, 2016, p. 189-190).

Neste artigo, valendo-se dos dados obtidos e discutidos na referida dissertação, optou-se por destacar algumas falas dos informantes do Projeto ALiB, as quais são reveladoras de mudanças sofridas no modo de nomear os jogos e as brincadeiras infantis.

Resultados e discussões

Os dados, para este estudo, foram extraídos, como já mencionado, do banco de dados do Projeto ALiB, por meio do recorte feito para a investigação de Santos (2016). Em seguida, foi feita um levantamento dos itens lexicais que nomeiam as brincadeiras, fazendo uma análise das elocuções dos informantes. A partir disso, apresentam-se alguns exemplos que seguem:

Exemplo 01:

INF⁴. – Boleba.

INQ. – Você já brincou disso?

INF. – Não, mas a minha menina, nossa senhora, ela adorava *boleba*, eu achava que ela ia ser até macho, sapatona (risos) de tanto que ela gostava (risos) é pipa, é pião, eu dizia, meu Deus do céu, pronto que vai ser sapatona, acabou que foi coisa da idade. (risos) (Inq. 146. 04 – Muriaé/MG – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto).

Segundo observa-se no exemplo 01, a partir da resposta coletada, pode-se inferir que, culturalmente, no imaginário popular ocidental existem brinquedos feitos para os meninos e outros que são construídos para as meninas. Tal fato denota de forma evidente o preconceito fomentado por essa cultura, confirmando, pois, o que já se discutiu no referencial teórico.

Um dado relevante de se tratar refere-se aos dicionários brasileiros, os quais, muito embora se perceba certo aprimoramento no tocante ao método e aplicação de tecnologias, ainda apresentam muitas deficiências estruturais, sobretudo no que tange à variação linguística, além de serem redundantes, pouco adequados para a consulta e, por vezes, se mostrarem preconceituosos.

⁴ As abreviações INF. E INQ referem-se, respectivamente, à Informante e Inquiridor.

Como exemplo dos equívocos presentes em obras lexicográficas ainda veiculadas, no Brasil, Neiva (2017) observou acepções em verbetes arrolados em dicionários. Um deles, no *Grande Dicionário Sacconi* (2009), parece ser oportuno a presente discussão. Observe-se:

menino *interj.* 4. Indica admiração e equivale a *Minha nossa!* ou a *Deus me acuda!*: *Menino! Ele brinca de boneca!!!* (SACCONI, 2009).

Ora, se os “dicionários são monumentos do mais valioso patrimônio de uma comunidade, são um testemunho privilegiado da memória” (VERDELHO, 2003, p. 413) sócio-histórica e linguístico-cultural, e refletem “o conjunto dos usos sociais da língua” torna-se inadmissível aceitar acepções, definições e verbetes como o citado, o qual ratifica preconceitos e estigmas sociais, inclusive no que tange à variação linguística.

Exemplo 02:

INF. – Bolinha de gude.

INQ. – E tem outro nome aqui?

INF. – Não. Bolinha de gude, só. Tem outro nome, mas aqui é bolinha de gude.

INQ. – E você já ouviu?

INF. – Bolinha de vidro.

INQ. – Onde você ouviu?

INF. – Acho que foi na tevê que eu já ouvi falar bolinha de vidro, mas aqui é bolinha de gude.

(Inq. 175. 02 – Taubaté/SP – Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto).

Outro fator que, certamente, influencia a fala dos informantes é a televisão, pois muitos deles passam boa parte do dia assistindo-a, conforme pode ser notado na fala do informante do exemplo 02, apesar de usar a forma “bolinha de gude”, ela conhece outra, em virtude de ter adquirido através das programações televisivas, meio de entretenimento que, muitas vezes, em algumas localidades, torna-se grande modificador dos hábitos culturais e linguísticos, respaldando, pois, os pressupostos de Brougère (2010), já citados neste texto.

Exemplo 03:

INF. – *Estilingue*.

INQ. – Tem outro nome aqui mais comum?

INF. – Tem *seta*, mas o mais comum é *estilingue*.

INQ. – Você ouve mais as pessoas falando seta ou estilingue?

INF. – *Estilingue*.

INQ. – E quem fala seta?

INF. – Os idosos, (risos).

(Inq. 193. 01 – Itaperuna/RJ – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto).

Exemplo 04:

INF. – Era conhecido como seta.

INQ. – E como é hoje?

INF. – Hoje, é estilingue, antigamente, era seta.

(Inq. 193. 04 – Itaperuna/RJ – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto).

Exemplo 05:

INF. – Seta, estilingue...

INQ. – Qual o mais comum?

INF. – Estilingue né, nós falava seta, quando era moleque.

INQ. – Agora não fala mais?

INF. – Agora fala mais estilingue, né?

(Inq. 175. 03 – Taubaté/SP – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto).

Nota-se que, conforme os exemplos ilustrativos (exemplos 03, 04 e 05), transformações ocorridas na sociedade fizeram com que a forma “seta”, outrora mais conhecida, fosse cedendo espaço para a forma atual, “estilingue”. Assim, toda denominação pressupõe um quadro sociocultural transmitido pela linguagem e aplicado ao real (KISHIMOTO, 2011, p. 19). Tal aspecto ratifica as premissas sociolinguísticas que preconizam que não há fala que não seja influenciada pelos aspectos sócio-históricos e culturais.

Observa-se que, ao analisar as elocuições dos trechos supracitados, jovens e idosos podem ter falas diferentes, ou seja, eles podem apresentar preferências lexicais distintas, mesmo convivendo em um mesmo espaço geográfico. Novamente, com isso, atestam-se o caráter multifacetado da língua e que a fala dos idosos deve ser alvo de mais investigações, pois ela é de fundamental importância para se entender as mudanças sofridas na língua e na sociedade.

Exemplo 06:

INF. – Aquele ali tem diversos nomes. Lá na roça, tratava aquilo de **bodogue**, agora, aqui, hoje já mudaram o nome, chamam de estilingue.

(Inq. 142. 03 – Ouro Preto/MG – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto).

Verifica-se que, com o passar do tempo, as mudanças no ambiente acabam afetando a forma com que as pessoas nomeiam o brinquedo, a afirmação é confirmada pelas falas e pelos marcadores temporais, importantes denunciadores de um antes x um depois. Além disso,

mudanças nos hábitos culturais podem ser consideradas importantes motores deste processo, os quais podem ser citados: o maior contato com a escolarização e com meios de comunicação, ou seja, fatores externos à língua são desencadeadores de mudanças nas escolhas linguísticas de um determinado povo, em muitos casos.

Exemplo 07:

INF. – Pipa.
 INQ. – Tem outro nome?
 INF. – Papagaio, jáu e pião.
 INQ. – Como é o pião?
 INF. – O pião não tem rabiola e é feito de papel. O jáu não tem rabiola também e é feito de plástico, já a pipa tem rabiola e é feita de papel.
 (Inq. 146. 01 – Muriaé/MG – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto).

Exemplo 08:

INF. – Esse aqui é pipa e esse aqui é pião. Os dois são papagaio.
 INQ. – E sem as varetas?
 INF. – Ratinho.
 (Inq. 189.01 – São Mateus/ES – Inf: homem, faixa 1, ensino fundamental incompleto).

Mediante isso, observa-se que algumas inovações linguísticas se dão, sobretudo por que:

O ser humano é um ser sensível que, diante do mundo, busca significações, o que torna seu pensamento dinâmico por excelência; e é a metáfora, com suas múltiplas possibilidades de combinação, que possibilita a mediação entre realidade e pensamento (DIAS, 2011, p. 52).

Acredita-se que as inovações, conforme estudos sociolinguísticos, tendem a surgir dos homens, devido à preferência feminina pelas formas consagradas e mais próximas do padrão (TRUDGILL, 1991). No caso de “pião”, certamente, futuros estudos poderão comprovar se a forma lexical se consolidou, ou ficou restrita à fala dos homens, neste particular, mais jovens.

Considerações finais

Por acreditar que a língua é sucessível à variação e à mudança, e que tais processos, portanto, além de não serem aleatórios, mas condicionados, de modo ordenado, aos fatores intra e extra linguísticos, evidenciam os vínculos entre língua e sociedade, bem como os entre

o léxico e a cultura, este artigo buscou oferecer, com base nas respostas fornecidas pelos informantes do Projeto ALiB, comprovações sobre os vínculos indissociáveis supracitados.

Compreende-se, pois, que a continuidade de tal investigação se faz necessária, sugerindo que outros campos semânticos sejam testados e/ou outro nível da língua seja alvo de pesquisa, de modo a possibilitar um maior entendimento das mudanças e variações linguísticas.

Destaca-se, também, que, a fim de cumprir os intentos deste estudo, reconhece-se, de fato, a pluralidade do Português Brasileiro, sobretudo quando se observa o contexto em que foi disseminada e implantada a língua portuguesa. Assim, as considerações trazidas neste artigo são elementares, cabendo estudos mais aprofundados para explicitar a diversidade lexical e de múltiplas identidades dos brasileiros.

Percebe-se, por fim, como as elocuições são importantes denunciadoras de mudanças que ocorrem no contexto socio-histórico e que acabam refletindo nos usos linguísticos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. *O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira*. 2008/2009. Disponível em: file:///C:/Users/letras/Downloads/59812-77249-1-PN.pdf. Acesso em: 29 jul. 2015.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade*. 2. ed. Brasília, 2006.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Rev. técnica e versão brasileira Gisela Wajskop. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários*. Londrina, PR: UEL, 2001.

DIAS, Marina Célia Moraes. Metáfora e pensamento: considerações sobre a importância do jogo na aquisição do conhecimento e implicações para a educação pré-escolar. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 49-62.

FRIEDMANN, Adriana. *Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.

GENTILE, Paola. É assim que se aprende. *Nova Escola*, n. 179, jan.-fev. 2005.

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- KISHIMOTO, Tizuco Morchida. O jogo e a educação infantil. In: _____. (Org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p.15-48.
- MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editora Ariel, 1998.
- NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS – Bulletin International de Documentation Linguistique*, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953a.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953b.
- NEIVA, Isamar. *Vocabulário Dialetal Baiano*. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia Salvador, 2017. 2 v.
- PAIM, Marcela Moura Torres. *Norma urbana, identidade social e variação*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2007. 297f.
- PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Geração, 2009.
- SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do falar fluminense*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2016. 197f.
- _____. *Menstruação na Bahia: um estudo em dois tempos distintos*. Monografia (Graduação em Letras). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2013. 52f.
- _____; PAIM, Marcela M. T. A Emergência de Identidade Social de Faixa Etária nos dados das capitais das regiões Norte e Nordeste do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). In: *Relatório de Pesquisa IC/PIBIC/CNPq*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2010/2011.
- TRUDGILL, Peter. Sexo e prestígio linguístico. In: AEBISCHER, Verena; FOREL, Claire. (Orgs.). *Falas masculinas, falas femininas?* Trad. Celene M. Cruz et. al. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 77-101. [Parlers Masculins, Parles Féminins? 1983].

Enviado em: 15 de maio de 2020.

Aceito em: 25 de junho de 2020.